

# Fábula do aluno ouriço<sup>1</sup>

Os três tempos um pouco lógicos do aluno

«Oh, perdão!», diz o ouriço descendo da escova de cabelo.<sup>2</sup>

O ato de copulação dos ouriços espanta os espíritos, o indício disso são essas recentes chamadas dirigidas aos serviços de urgência da polícia na Alemanha (Augsburg, Munique, Erlangen, Dresden), as quais, depois do *Der Spiegel*, foram relatadas pelo *The Guardian* com o título de «*Germans kept up at night by noisy igelsex (that's hedgehog coupling)*<sup>3</sup>». Os barulhos, escutados como os de humanos copulando, incomodavam o sono daqueles que esperavam que a polícia colocasse um fim naquilo. Tratava-se de ouriços «copulando» ou «se divertindo»!

Jacques Lacan, aqui, não fica devendo:

O que eu disse hoje quanto à imagem ventral me evoca a ideia do ouriço. [...] Como eles fazem amor? É claro que *a tergo* isso deve apresentar certo inconveniente. Eu telefonarei para Jean Rostand. Não me atardarei nesse episódio. A referência ao ouriço é uma referência literária. Arquíloco se exprime em algum lugar deste modo: “A raposa sabe muito bem, ela sabe muitos truques. O ouriço não tem mais do que um, porém famoso.”<sup>4</sup> Ora, aquilo do que se trata concerne precisamente à raposa. Lembrando-se ou não de Arquíloco, Giraudoux em *Bella* [revela] <refere> o estilo esperto de um senhor [que] também tem um truque famoso, que atribui à raposa e talvez que a associação de ideias tenha influenciado, talvez o ouriço conheça também esse truque. Seria para ele, em todo caso, [mais] urgente conhecê-lo, pois se trata de se livrar de seu parasita, operação que é mais do que problemática para o ouriço.<sup>5</sup>

«Problemático»... para o ouriço..., somente para ele? Perguntamo-nos se não é a dificuldade particular que se imagina ser a desses animais em relação a esse *having fun*, que se tratava de avisar aos policiais, dito de outra maneira, ali onde essa dificuldade não pode de forma alguma ser recebida. O físico dos ouriços tornaria sensível aos humanos a ausência de relação sexual que, como imaginam, teriam em comum com essas criaturas?

Mas qual a relação com o que chamo de aluno ouriço?

---

<sup>1</sup> Jean Allouch, *Fable de l'élève hérisson*/ AG Elp/ juin 2019. In [jeanallouch.com/Interventions](http://jeanallouch.com/Interventions).

<sup>2</sup> Esse chiste coincide com uma observação de Lacan sobre Freud: «Freud encontra mulheres ideais que lhe respondem pelo modelo físico do ouriço. *Sie streben dagegen* (como Freud o escreve no sonho de Irma, onde as alusões a sua própria mulher não são evidentes, nem confessadas), elas são sempre de arrepiar». (*A Transferência...*, 16/11/1960. Devo essa referência à Danielle Arnoux).

<sup>3</sup> Agradeço aqui a Miguel Casteasoro que me forneceu esta informação (*The Guardian*, 05/08/2019).

<sup>4</sup> Archiloque, *Fragments*, texto estabelecido por François Lassere, traduzido e comentado por André Bonnard, «Les Belles Lettres», Paris, 1958, 1968. Fragment 177, “Il sait bien des tours, Le renard. Le hérisson n’en connaît qu’un, mais il est fameux.” Nesse epodo, o poeta se compara ao ouriço capaz de superar seu adversário pelo seu poder satírico. (N.T.)

<sup>5</sup> *A Transferência...* transcrição crítica em *Stécriture*; devo à Danielle Arnoux ter podido ter mencionado aqui essa citação.

Roma, quinta-feira 31 de outubro, sexta-feira 01 de novembro e sábado 02 de novembro de 1974, VII congresso da École Freudienne. Com seu Vaticano, seus vestígios, sua orgia de pinturas da Renascença, seus restaurantes, a cidade é muito especial para Jacques Lacan. Vinte e um anos antes (26-27 de setembro de 1953) durante um primeiro congresso em Roma, ele fora a passeio e para apresentar «Função e campo da fala e da linguagem», um discurso que, pouco depois de sua conferência «O simbólico, o imaginário, o real» (08 de julho de 1953), pode ser considerado, em muitos aspectos, como tendo lançado o que iria se chamar seu «ensino». Não há ensino sem alunos. Ou há?

Desde 1953, muita água correu sob as pontes do Tibre, melhor dizendo, do rio Sena... A sala romana está repleta. A École Freudienne foi em peso. Alguns apresentaram trabalhos (cerca de trinta apresentações), dentre os quais Jacques-Alain Miller que, nesse dia, criticou mais de um (entre os quais eu estava, aliás, em parte, em má companhia) e apreciou outros (entre os quais eu não estava, pois eu estaria aí em má companhia – não a mesma).

Esse congresso foi publicado pouco depois, em 1975, no número 16 da revista *Lettres de L'École freudienne*, precedido de uma conferência à imprensa de Lacan onde, certamente (uma vez que se está em Roma), vai se tratar do «triumfo da religião» e do possível desaparecimento da psicanálise, que diferente da religião, não fornece um sentido, mas ocupa-se do «que não funciona» - foi então explicitado para os jornalistas que essa fórmula define o real, e adoto essa definição, minha preferida. Os psicanalistas são aí (bastante intempestivamente) declarados estarem confrontados, mais do que os sábios, ao que não funciona, sendo assim declarados mais angustiados. Lacan lembra, na ocasião, que um de seus alunos tinha ficado tão entusiasmado com seu seminário *A Angústia* que, disse ele, «pensou que seria preciso me colocar dentro de um saco e me afogar. Ele me amava tanto que era a única conclusão que lhe parecia possível». Um chiste. O qual é retomado aqui somente porque se tratará do aluno em semelhante situação, colocado por Lacan, não dentro de um saco, mas envelopado por ele nas dobras de seu lenço, que se julga ser imaculado.

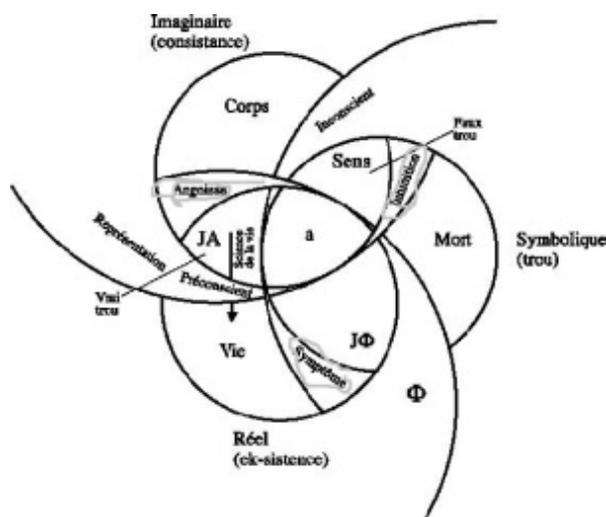
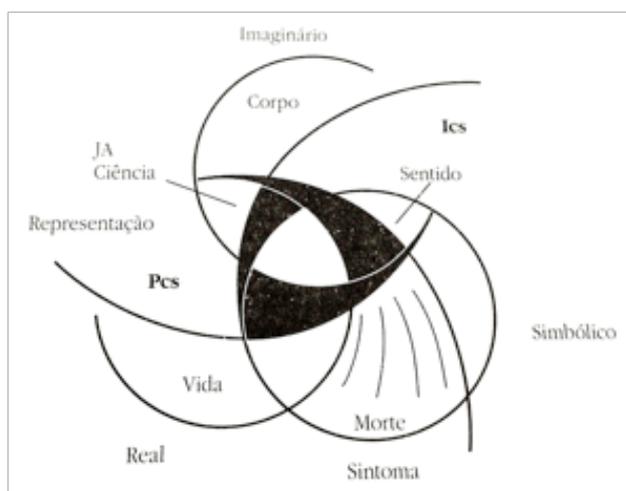
Lacan intervém no meio desse VII congresso, na sexta-feira, no final da manhã. Ele se recusa a classificar e premiar as intervenções, embora afirmando que escutou, na véspera e na manhã mesma, «coisas excelentes» (uma afirmação cuja imprecisão coloca e deixa aqueles que intervêm em uma saia justa: «"Excelente", acaso refere-se ele a minha apresentação?»). Ele avisa que vai ler e não o fará, ou pouco. Ele anuncia um título: «A Terceira»<sup>6</sup>. Aí se encontra um dos nós borromeanos mais carregados de dados que existe e que, por este fato, coloca um número tão elevado de dificuldade de leitura, que seria preciso não sei quantas horas de trabalho para conseguir chegar ao fim, se é que a coisa seria possível. Por exemplo, questão sem dúvida muito absurda: qual é o estatuto nodológico desses espaços escurecidos e dessas duas retas, tangentes a uma borda exterior dessas estranhas excrescências negras, que bordejam dois lugares, cujo estatuto não foi especificado? Nem sequer como *praias*, se assim aceitamos designar os espaços internos de um borromeano desenhado e distinguido por sua colocação no plano.

---

<sup>6</sup> Patrick Valas estabeleceu o melhor texto do que foi dito por Lacan em novembro de 1974, em Roma.

Proposta por Gabriel Meraz, uma leitura possível seria ver nessas retas a figuração dinâmica de uma operação de transformação dos círculos de corda em retas infinitas. Talvez, se não fosse o fato de que o cruzamento das três retas infinitas, se ele localiza um ponto, não poderia valer como escrevendo um nó borromeano. Outra leitura dessas estranhezas, sugerida pelo verbo «circunscrever» [resserrer] (abaixo), parece indicada pela afirmação pronunciada pouco antes de ter exibido esse nó borromeano:

Ao contrário, é na medida em que alguma coisa no simbólico se circunscreve pelo o que eu chamei de jogo de palavras, o equívoco, o qual comporta a abolição do sentido, que tudo o que concerne ao gozo, e notadamente o gozo fálico, pode igualmente se circunscrever, porque isso não ocorre sem que vocês se apercebam do lugar do sintoma nesses diferentes campos.



O esquema à esquerda reproduz aquele apresentado em Roma. O da direita foi estabelecido pelo amigo Patrick Valas, que acrescentou ao primeiro as indicações provenientes dos seminários ulteriores. O desenho de Lacan é apresentado a título de um desafio lançado bem ao final de «A Terceira»:

Se vocês conseguirem verdadeiramente ler o que há nessa planificação do nó borromeano, eu penso que isso seria aceitar um desafio que pode lhes prestar serviço, tanto como *a simples distinção do real, do simbólico e do imaginário* (sublinho).

Igualmente inesperados, são convocados vários animais. Inicialmente, um urso, que Lacan lê em seu primeiro «discurso» de Roma. Tudo se passa então como se decifrásemos um sonho «freudiano», mas, de algum modo, ao contrário (ou espinhoso). Uma transliteração não está menos operante nesse deciframento. Em vez de partir de duas imagens do sonho (ideografia) e de

culminar em um enunciado (escrita alfabética), eis que esse enunciado (nem sequer um enunciado, apenas um termo: «discurso») traz as duas imagens, eis aqui o *discurso*, o disco urso<sup>7</sup>.



Segundo Lacan, em 1974, um urso (ele próprio) teria falado em Roma vinte e um anos antes? Talvez, seu dizer tendo se tornado um disco vinil<sup>8</sup>, teria assim se transformado em urso, por alunos que repetem em círculo as afirmações então sustentadas? «É um urso», se diz em francês de alguém molenga, rude, desastrado. Diz-se também que se «anda em círculos como um urso [ou um leão] na jaula». A dança do urso é vista como desgraciosa. E ter suas regras menstruais foi dito «ter seus ursos». Assim, somos levados a nos perguntar se, durante esse VII congresso, Jacques-Alain Miller com seu texto «Dirige-se ao congresso da École freudienne», não vendeu a pele do urso antes de matá-lo (contar com o ovo dentro da galinha). Muitos elogios a Lacan! Quatro exatamente, que enfraquece o domínio da discursividade: «Lacan o mestre», «Lacan a histórica», «Lacan o universitário», «Lacan o analista». Lacan urso está ausente; é verdade que Lacan não havia então nem escrito nem promovido um «discurso do urso».

Animais estavam igualmente presentes na entrevista com os jornalistas italianos, pouco antes do início do congresso: galinhas, às quais Deus dirige seus sermões; um cachorro que remexe o rabo; um macaco que se masturba (onde os mais informados reconhecerão Sigmund Freud<sup>9</sup>). Quando então alguém consagrará um estudo aprofundado sobre os animais em Lacan, ao jardim zoológico lacaniano? A concepção depreciativa que se faz, usualmente, do imaginário poderia felizmente encontrar-se abalada.

Salientaremos também dessa entrevista com os jornalistas, que ele já aí anuncia ter cuidadosamente «cogitado<sup>10</sup>» «a coisa» que se prepara para dizer durante esse congresso: «sessenta e seis páginas que eu fiz a besteira de botar para vocês» (eis aqui, não mais um urso, e sim uma galinha). «A Terceira» será essa coisa (em referência ao general De Gaulle que havia depreciado a ONU ao tratá-la de «coisa»).

Além de um gato gozando (o que seu ronronar atesta, segundo Lacan), está presente em «A Terceira» um animal que não se esperava, um ouriço. Eis aqui em que termos:

<sup>7</sup> Ver Littoral, nº 2, *La main du rêve*, Érès, 1981.

<sup>8</sup> Que conserva aquilo que nele foi registrado, sem que seja possível alterar.

<sup>9</sup> Ver «Mano del mono», *Les impromptus de Lacan, 543 bons mots recueillis par Jean Allouch*, Paris, Mille et Une Nuits, 2009, p.209.

<sup>10</sup> «Cogitar», Jacques Lacan prefere como verbo, mais do que «pensar». Se não me falha a memória, lhe ocorreu até mesmo dizer seu pouco de gosto pelo pensamento, declarando-o como uma secreção física. Sobre a cogitação, pode-se reportar à Michel Foucault, *Du gouvernement des vivants, cours au Collège de France, 1979-1980*, Paris, EHESS Gallimard Seuil, 2012, p.292 e seguintes.

Como tirar-lhes da cabeça o emprego filosófico de meus termos, quer dizer o emprego obsceno? Quando, de outra parte, é preciso que isso entre, mas melhor seria que entrasse em outro lugar. Vocês imaginam que o pensamento seja algo que se situa no cérebro. Não vejo porque eu vos dissuadiria disso. Mas eu tenho certeza – tenho certeza e isso é problema meu – de que isso se situa nos músculos da testa no ser falante, exatamente como no ouriço. Eu adoro os ouriços. Quando vejo um, eu o coloco em meu bolso, dentro do meu lenço. Naturalmente, ele urina. Até que eu o leve para o meu gramado, em minha casa de campo. E lá, eu adoro ver produzir-se esse franzir dos músculos da testa. Depois disso, exatamente como qualquer um nós, ele fecha-se em forma de uma bola<sup>11</sup>.

Enfim, se vocês podem pensar com os músculos da testa, vocês podem pensar também com os pés. Pois bem, é aí onde eu queria que isso entrasse, já que depois de tudo, o imaginário, o simbólico e o real são feitos para aqueles desse grupo de pessoas, que são os que me seguem, para que isso os ajude a abrir o caminho da análise.

Eu ignoro se, ao escutar isso, um aluno captou que esse ouriço poderia valer como uma figura de si mesmo, que Lacan lhe apresentava naquele dia. Levei um tempo para me dar conta..., já que a evidência dessa identificação imaginária ocorreu-me, apenas recentemente. De algum modo, meu tardio estádio do espelho *lacaniano*. Segundo Lacan, uma evidência se dissolve e é o que me proponho a fazer muito em breve.

Υ

Porque, em primeiro lugar, há que mencionar, no plano de fundo, o lugar do ouriço, seu papel em Freud. Leitor de Schopenhauer, Freud salientou neste último o que se chama «o dilema do ouriço» (acerca do *coupling*?):

Em um dia frio de inverno um bando de ouriços se colocaram em um grupo fechado para se garantir mutuamente contra a geada através do próprio calor. Mas logo eles ressentiram os ataques de seus espinhos, o que os fizeram se afastar uns dos outros. Quando a necessidade de se reaquecer os aproximaram de novo, o mesmo inconveniente se renovou, de modo que eles eram golpeados daqui e de lá entre os dois males, até que eles terminaram por encontrar uma distância média que tornou a situação suportável para eles. Assim, a necessidade de sociedade, nascida do vazio e da monotonia de sua vida interior, empurra os homens uns para os outros ; mas suas numerosas maneiras de ser antipáticos e seus insuportáveis defeitos os dispersam de novo. A distancia média que eles terminam por descobrir e pela qual a vida em comum se torna possível, é a educação e as boas maneiras. Na Inglaterra gritam com aquele que não mantém essa distância : *Keep your distance* ! Por esse meio a necessidade de se reaquecer não é, na verdade, satisfeita senão pela metade, mas, em contrapartida, não se sente a ferida dos espinhos. No entanto, aquele que possui também calor

---

<sup>11</sup> Em português usamos a expressão “Fechar-se em copas” que o Houaiss registra, com duas acepções: “tornar-se silencioso, calado” e “tornar-se aborrecido, zangado”. Esta última, ligada à ideia de ficar emburrado, e portanto amuado e silencioso. Não dizer o que sente, ficar calado, abster-se, guardar segredo. Há também a noção de “sair estrategicamente de cena, retirar-se”.

interior próprio prefere ficar de fora da sociedade para não experimentar inconvenientes, tampouco causá-los<sup>12</sup>.

Freud não estava longe de tomar como sua essa conclusão de Schopenhauer<sup>13</sup>. Ele teria declarado ter ido aos Estados Unidos para ali observar os ouriços<sup>14</sup>; ele teve o cuidado de alojar um ouriço metálico, presenteado por James Jackson Putnam<sup>15</sup>, em meio a sua coleção de antiguidades, tão presentes em seu consultório<sup>16</sup> :



Uma carta que Anna Freud endereçava à George E. Gifford em 12 de novembro de 1971, e da qual esse último publicou um trecho em um artigo intitulado «*Freud and the porcupine*»<sup>17</sup> em 1972, apresenta, dentre outros interesses, o de ligar os dois traços que foram de antemão aqui mesmo evocados: os sons emitidos pelos ouriços e o presente de Putnam ao seu pai (o pai de Anna). Eis aqui esse trecho :

Obrigada por sua carta de 08 de novembro. Eu não me lembro de uma «história» sobre o ouriço, mas eu posso te falar dele mesmo. Parece que meu pai viu um ouriço pela primeira vez quando ele estava em *Putnam Camps* e que ele ficou muito impressionado. Por conseguinte, lhe deram à guisa de presente de despedida um ouriço, fabricado em bronze ou em outro belo metal, que ele *orgulhosamente* [sublinho] trouxe com ele. Ele tem vários espinhos grandes, salientes espinhos impressionantes e que desde então fora colocado sobre sua escrivaninha, onde ainda se encontra. Curiosamente, quando passamos a mão em cima dele, os espinhos produzem um som musical agradável [*a nice musical sound*]. Eu não saberia dizer-te se existe uma ligação entre esse ouriço e a história de Schopenhauer do ouriço citado em «*Psicologia das massas e análise do eu*». Eu me pergunto se isso pode ajudar-te.

---

<sup>12</sup> Schopenhauer, *Parerga et Paralipomena*, parágrafo 396. Em francês em Lacan em 1911 e mais recentemente, éd. Jean Pierre Jackson, em 2005.

<sup>13</sup> Eu pude tirar essa conclusão de suas decepções com Ferenczi e suas duas mulheres (*La Psychanalyse: une érotologie de passage*, Cahiers de l'Unébévue, Paris, Epel, 1998).

<sup>14</sup> Durante o verão de 1909, ele dizia aos seus próximos então reunidos o motivo de sua próxima viagem para os Estados Unidos: «I am going to America to catch sight of a wild porcupine and to give some lectures» (citado por George Prochnik, «The porcupine illusion» <http://cabinetmagazine.org/issues/26/prochnik.php>. O artigo oferece também uma foto de Freud e de da família Putnam durante uma excursão na montanha, pouco antes do congresso psicanalítico de Weimar, em 1911. Mayette Viltard, a quem eu devo essa referência, acha engraçada essa foto, uma opinião que compartilho com ela.

<sup>15</sup> Agradeço aqui Miguel Gasteasoro que me reportou esse breve evento, lido na obra de George Prochnik. *Putnam Camp. Sigmund Freud, James Jackson Putnam, and the Purpose of American Psychology*. New York, Other Press, 2006, p.33. O capítulo II deste livro se intitula «To Find one's Porcupine». George Prochnik, bisneto de James Jackson Putnam, pode consultar os arquivos familiares.

<sup>16</sup> Pode-se ir observar o animal no museu Freud de Londres.

<sup>17</sup> Publicado em *Harvard Medical Alumni Bulletin*, mars-avril, 1972. O trecho retomado acima foi traduzido por Miguel Gasteasoro, a quem eu devo também essa referência. Eu o agradeço por isso.

O artigo do *Guardian* oferece a gama de cores do que seria esse annafreudiano *nice musical sound*: «*Hedgehogs are capable of making a range of sounds from a quiet snuffing to hissing, snarling, whistling, clicking and even loud screaming, which is what sometimes gets them mistaken for excited distress human.*»

A informação fornecida à Gifford vai ao encontro de uma afirmação de Ernest Jones que, como «responsável» de uma organização tal como a IPA e talvez preocupado com que os Norte-americanos não se reconhecessem nesse ouriço de Freud, escreve em sua biografia de Freud:

Ele havia feito a observação interessante de que, diante de uma tarefa angustiante, tal como a de apresentar suas conclusões surpreendentes a um público estrangeiro, era útil fornecer um para-raios as suas emoções, desviando sua atenção para um objetivo secundário. Assim, antes de deixar a Europa, ele afirmou que iria para a América, na esperança de avistar um ouriço selvagem e para dar conferências. A expressão «encontrar seu ouriço» se tornou uma frase muito conhecida em nosso meio. Tendo alcançado seu duplo objetivo, ele estava pronto para voltar para sua casa.<sup>18</sup>

Υ

Distingue-se três tempos lógicos<sup>19</sup> (um pouco lógicos) no que decifro como sendo, em Lacan, a fábula do aluno ouriço. Primeiro tempo, o instante de se ver pego... ou, pior, de ser apropriado: o encontro de alguém que vos considera como um objeto, de início adorado, e tão logo colocado em um bolso. Não estou certo de que o que se pode fazer de melhor com um objeto adorado seja se apropriar dele, alojando-o dentro do próprio bolso, depois de tê-lo envelopado com um lenço. No entanto, Jacques Lacan colocou numerosos alunos em seu bolso de ouriços. E alguns, os mais informados, tal como François Perrier, se perguntaram o que, no dizer de Lacan, os tinham levado a se prestar a ser embolsados e, ao mesmo tempo, quem os havia conduzido a lhe pedir uma análise e a se pretender ser seu aluno<sup>20</sup>. O que é que, no dizer de Lacan, foi eleito por alguém para que esse alguém, não qualquer um, se deixasse alojar dentro de seu bolso [dans sa poche], por Jacques Lacan?

A expressão é eloquente: «está no papo» [c'est dans la poche], «já ganhamos», «pronto». Ao menos, o imagina-se, pois ter alguma coisa em seu bolso muda a posição daquele que passeava, até então com os bolsos vazios, duro, na falta de alunos ouriços. Eis, no começo, Lacan em *penia* [em grego, a personificação da pobreza]. Ao longo dos anos, ele teve os bolsos cheios de ouriços, alguns dentre os quais reunidos em Roma, naquele dia. Ocorreu-lhe se lamentar de um público muito vasto, ou ainda contar um pesadelo, no qual a sala do seu seminário apresentava-se vazia, com o que ele se angustiava. Muita gente versus ninguém: reconheceremos nessa oscilação o indício de uma dificuldade quanto a colocar alunos no bolso. Os testemunhos não faltam, onde esse gesto de

---

<sup>18</sup> *The life and Work of Sigmund Freud*, vol. 2, New York, Basic Books, p.59, trad. de Miguel Gasteasoro.

<sup>19</sup> Jacques Lacan, «O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada», *Cahiers d'art*, 1940-1944, retomado em *Écrits*, Paris, Éd. du Seuil, 1966. (*Escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998, p.197).

<sup>20</sup> Depois de ter colocado sua mulher no divã de Lacan, a fim de apreciar como ele se comportava como psicanalista, Perrier se decidiu empreender com ele sua análise. Havia colocado fim a sua reserva o seminário *A Transferência*, graças ao qual, então, Lacan colocou Perrier em seu bolso.

Jacques Lacan encontra-se questionado (por vezes sob a forma de uma ruptura raivosa, cuja implicação permanece não decifrada).

O lenço está aí também envelopando, a fim de evitar ser picado. O sistema de defesa passiva (*passiveté*) do ouriço seria assim neutralizado. No entanto, não completamente. Na prisão que é doravante a sua, o ouriço utiliza de um recurso. Ele molha, urinando, o lenço, o bolso e o dono do bolso. Eis o segundo tempo, um tempo para compreender que Lacan lhes embolsou<sup>21</sup>. Para alguns, urinar em um parceiro, ou ser esse parceiro sobre o qual alguém urina, é um gozo erótico, em nada semelhante a outro e, que outros vêem com maus olhos. Freud :

O sujo, isto é, aquele que não dissimula seus excrementos, ofusca portanto o outrem, não tem qualquer consideração por ele, como de resto o dizem muitos insultos, os mais violentos e os mais usuais.<sup>22</sup>

O parceiro do urinador, da urinadora é aviltado, reduzido a um vaso sanitário de W.C., ficando sujo como ele. Uma situação que se apressam para dar fim, apertando a descarga, lhe devolvendo assim seu brilho, por um instante maculado. Ler Lacan, seria urinar sobre ele? É o que parece indicar aqui e vou em breve tentar me explicar a respeito.

Terceiro tempo, o momento de concluir do prisioneiro ouriço. Concluir... como? Ei-lo colocado na grama de uma confortável casa de campo, inclusive nesse lugar privilegiado e íntimo da família Lacan. Lugares como esses constituem outras tantas prisões, o quão douradas sejam elas. Sua reação? Ele conclui fechando-se em forma de uma bola. Fazendo isso, acaso sabe ele que a figura topológica repulsiva do proprietário é a esfera? O francês tem um nome para esse gesto: *volvação*<sup>23</sup>, «rolar em bola para se defender». Estar com raiva se diz «se colocar como uma bola» (se fechar). E irritado : «ter o nervos em forma de bola». Mais divertido, alguém que recuperou sua aposta na roleta é dito ter «recuperado suas bolas». A Guitrancourt, o ouriço não encontrou sua liberdade, perdida desde o instante em que ele foi avistado, adorado, recolhido, envelopado, embolsado, transportado, desembarcado – em uma só palavra, amado [chéri]. «Chéri» + «hérisson» [ouriço] dá «chérissons» [amamos]. Acaso seria isso que o coloca como bola, que o eriça, esse bem querer [chérissement], esse «privilégio», acordado a bem poucos *happy few*, de ser acolhido na família ? Uma vez, me ocorreu contar como, em uma ocasião em que fui convidado por Jacques-Alain Miller para um de seus «coqueteis de retomada das atividades após as férias», Lacan, também presente, me avistando, me manda, com um forte suspiro um «Como estou contente de te ver aqui !». Essa afirmação teve como efeito me deixar imediatamente desconfiado, me eriçar, e me fez me perguntar o que então eu estava fazendo ali, se eu estava certo acerca de ser recebido nessa família (a propósito, qual família?). Eu me senti me fechando na forma de uma bola, sem de fato o saber.

---

<sup>21</sup> Os analisantes de Lacan estavam menos expostos a esse infortúnio. Seu bolso, eles o enchiam pagando suas sessões, e não com sua pessoa. Sobre o valor do pagamento em análise, leremos o surpreendente «Payer. Remarques sur l'Inde ancienne» de Charles Malamoud, publicado na obra coletiva *L'Argent et la psychanalyse*, Paris, Campagne première, 2017.

<sup>22</sup> Sigmund Freud, *Le malaise dans la civilisation*, traduzido do alemão por Bernard Lortholary, apresentação e notas de Clothilde Leguil, Paris, Éd. du Seuil, 2010, p.101.

<sup>23</sup> O mesmo sentido em português para *volvação* ou *congloação*: que consiste em se fechar na forma de uma bola, como meio de defesa contra predadores.

Assim, encontra-se levantada a questão seguinte : o que em Lacan fez com que ele tivesse *necessidade* de ter alunos? Eu entitulei «Du lit» [da cama] um dos 543 chistes recolhidos. Ele recobre por duas vezes a fábula do aluno ouriço. 1) É Lacan, então deitado, que encontra-se alojado em um pano branco, não em um lenço, mas nos lençóis de sua cama. 2) Acontece em Guitrancourt, onde Lacan fala de seus alunos a um deles, assim «eleito» : «Meus alunos, se eles soubessem onde os conduzo, eles ficariam aterrorizados»<sup>24</sup> (aterrorizados ? Sim, se se trata de conduzi-los até ali, onde não há relação sexual e, se essa inexistência é mesmo, como foi dito, um «*troumatisme*»). Considerava ele de colocá-los na grama em Guitrancourt a fim de observá-los pensando ? Deslizaram eles do «urinar» [pisser] para o «franzir» [plisser], para «pensar» [penser]? Duvida-se.

Alguns traços, não todos, fizeram com que eu reconhecesse meu percurso lacaniano na fábula do aluno ouriço. Inicialmente, o envelopamento. Eu fui pego *por*, depois *em* um ouvi-dizer, em breve transformado em um dizer diretamente, quando fui à Paris assistir ao seminário de Lacan<sup>25</sup>. Assim me prestei a ser envelopado e colocado no bolso. Eu não era o primeiro e ele não era o primeiro, o que me facilitou em não ser um lacaniano, no sentido que se diz habitualmente. É-se um «lacaniano» se não se dispõe de nenhum ponto de exterioridade para lê-lo<sup>26</sup>. Ele próprio dispunha de R.S.I. para ler Freud.

E a ocasião é aqui propícia para se perguntar quais são, exceto urinar, as possíveis reações de todo aquele que se encontre envelopado por um lenço dentro desse bolso. Quatro reações, no mínimo : 1) dormir, se não se está muito desconfortável em um lugar como este ? 2) espetar a coxa atravessando o lenço até que, pela dor provocada, venha a ser rejeitado ? 3) sufocar e, se for possível, gritar por ajuda ? 4) furar o lenço e o bolso comendo um pedaço deles, a fim de fugir por baixo da calça ? Me dispensarei de associar tais posturas a este ou àquele aluno, ou grupo de alunos.

E urinar, o tempo para compreender ? Contudo, seria conveniente se conter, por exemplo, considerando que «Lacan» (ou seja, seu dizer) é tão exato, tão delicado, precioso, límpido, que toda inundação urinária a seu respeito seria prejudicá-lo gravemente, seria faltar-lhe com o respeito. Em Roma, em 1974, ele sugeria que o que esperava de seus alunos, a saber, lê-lo seria assim difamá-lo [salir], em certo sentido maltratá-lo - o que, então, equivale a tratá-lo bem. Acaso não foi o que aconteceu comigo ao colocar sobre a mesa a transliteração (1979), da qual ele não soube se apropriar (sua problematização do borromeano teria sido facilitada) ? Ou quando argumentei com alguns e com *Littoral*, que ele nem sempre foi tão freudiano, como pode anunciar e repetir, durante um tempo, e que seu «retorno à Freud» em parte se extraviava<sup>27</sup>? Que «seu» eu [moi] (imagem espelho) não era o de Freud (um pequeno mestre em meio ao fogo cruzado, entre o isso e o supereu) ? Quando mostrei, dentre outras coisas, que nenhuma dessas variações («*varités*») sobre o amor deveria ser acolhida como verdadeira, embora ele tenha anunciado? Quando recusei que o

---

<sup>24</sup> *Les impromptus de Lacan, 543 bons mots recueillis par Jean Allouch*, Paris, Mille et Une Nuits, 2009, p.183.

<sup>25</sup> Sobre a implicação mais comum de tal deslocamento, ver Pierre Bergounioux, *Hôtel du Brésil*, Paris, Gallimard, 2019.

<sup>26</sup> Pode-se reportar à *La Scène lacanienne et son cercle magique* (Paris, Epel, 2018) onde com «o efeito de entre» eu desenvolvo melhor o que então estava em jogo.

<sup>27</sup> Ver «Freud déplacé», *Littoral*, n.14, «Freud Lacan: quelle articulation?» (site Epel).

gesto da «Jovem homossexual» reportado por Freud<sup>28</sup> fora uma passagem ao ato<sup>29</sup>. Ou, ao fazê-lo dizer o que jamais disse explicitamente, por exemplo, sobre a distinção de duas analíticas do sexo? E, *last but not least*, recolhendo seus chistes, dos quais ele nem sempre saiu tão glorioso, tão em sua vantagem? Bobby Lapointe : «Mais vantagens, vantagens a mais, e quem é que tem que carregá-las nas costas ? Tu !» [*Davantage d'avantages, avantage davantage, et qui c'est qui l'a dans le dos ? Toi !*] Lacan «as carrega nas costas» quando seus alunos se dedicam a louvar suas vantagens.

Quanto ao momento de concluir, quanto a se enrolar como uma bola, não no gramado de Guitrancourt, mas em minha mesa de trabalho, é o que se passa comigo cada vez que eu o estudo. Mais precisamente : lê-lo, é muito vezes chato, embora isso promova alguns instantes de felicidade, algumas descobertas (dando algo de si, como ele esperava<sup>30</sup>). Bastante trabalho ! Muitas horas ! Muitas ambiguidades, equívocos, extravios, falsas pistas ! Jacques Lacan muito contribuiu em favor de sua política editorial azucrinante, aquela que ele dizia aos jornalistas italianos : que não havia redigido seus *Escritos* para que fossem compreendidos, mas para que fossem lidos, acrescentando que «mesmo que não o compreendam, isso provoca alguma coisa nas pessoas. [...] Eles os abrem, e até mesmo os estudam [travaillent]; e até mesmo, eles *se azucrinam com isso*<sup>31</sup>» (sublinho). O que esses *Escritos* causam nas pessoas ? Eles alojam-nas dentro de um bolso do seu autor, não obstante, elegantemente vestido. A grama de Guitrancourt não está atualmente verde, e sim marrom, uma vez que se encontra coberta por uma multidão de ouriços e *ouriças*, tão contentes por estarem ali, em família, que sequer pensam em se fecharem em forma de bola. Para que finalmente isso lhes aconteça, seria preciso deixar esse gramado, atravessar a estrada, arriscar ser atropelado, voltar para suas casas, se é que não esqueceram onde fica, «*wo es war...*». Acaso, eles podem prever o perigo de atravessar essa estrada ? Acaso receberam a lição do Mendigo de Giraudoux? Ela os detém?

Dezenas deles atravessam as estradas, à noite, ouriços e ouriças que são, e se deixam ser atropelados... «O amor pelos ouriços, de início, consiste em atravessar uma estrada», declama o Mendigo, que acrescenta : «E de repente, vocês encontram um deles jovem, não estando totalmente esmagado como os outros, bem menos sujo, a patinha esticada, os lábios bem fechados, bem mais digno, e desse aí, se tem a impressão de que não morreu como um ouriço, mas que o atingiram no lugar de outro, no vosso lugar. Seu olhinho frio, é vosso olho. Seus espinhos, é vossa barba. Seu sangue, é vosso sangue».<sup>32</sup>

Se certas afirmações ou escritos de Lacan aparecem ou, melhor, parecem imediatamente acessíveis (nesse caso, um leitor aplicado desconfiará de si mesmo), outros, numerosos, deixam o leitor

---

<sup>28</sup> Sigmund Freud, «Sur la psychogenèse d'un cas d'homosexualité féminine» trad. de l'allemand sob a direção de Jean Laplanche, in *Névrose psychose et perversion*, Paris, Puf, 1973.

<sup>29</sup> Em *Ombre de ton chien. Discours psychanalytique*, Paris, Epel, 2004.

<sup>30</sup> Ele o diz bem ao final do texto de abertura dos seus *Escritos*: «Queremos, com o percurso de que esses textos são os marcos e com o estilo que seu endereçamento impõe, levar o leitor a uma consequência, em que ele precise colocar algo de si». (*Escritos*, Rio de Janeiro, Zahar, p.11).

<sup>31</sup> Coll., *Lettres de l'École freudienne*, nº 16, Paris, 1975, p.17.

<sup>32</sup> *Electre*, 1937, acte 1, scène 3. Em *La Connaissance de la vie* (p.39) Georges Canguilhem recusou essa desventura giralduciano-hérissionienne à qual foram expostos alguns alunos de Lacan ao deixarem o rebanho de Guitrancourt. E Muriel Barbery depois de ter reconhecido um ouriço em uma zeladora «viúva, pequena, feia e rechonchuda», fazendo todo seu esforço para exercer o papel de zeladora e para parecer débil, devolve sua nobreza ao animal (*L'Élegance du hérisson*, Paris, Gallimard, 2006, p.152-153).

imobilizado e desta forma faz perder a linha do texto. Alain Badiou e Barbara Cassin fracassaram em explicar o «Aturdito», sequer pretenderam-no, visto que prudentemente se restringiram a extrair duas lições desse texto, lições elas mesmas de difícil acesso<sup>33</sup>. Se a frase, de algum modo, inaugural do «Aturdito», a saber «que se diga, permanece esquecido por traz do que se diz naquilo que se escuta», pode parecer límpida, o comentário que dela Lacan propõe não é esclecedor senão ao preço de um intenso trabalho de cogitação. Que cada um o julgue : «Este enunciado que parece absoluto, por se produzir em uma forma universal, é de fato modal<sup>34</sup>, existencial como tal : o subjuntivo [que se diga] do qual se modula seu sujeito, testemunhando isso.»<sup>35</sup> E pouco depois : «A primeira frase não é portanto no plano tético de verdade que o primeiro tempo da segunda afirma, como de costume, por meio de tautologia (aqui duas). O que é lembrado, é que sua enunciação é momento de existência, é que, situada a partir do discurso, ela ‘ex-siste’ à verdade.»

2

«Como qualquer um de nós», é dito por Lacan a respeito de «se fechar em forma de bola». Em que sentido e por quem Jacques Lacan teria se fechado em copas, chateado, irritado, exasperado? Qual é portanto aquele que, tendo-o colocado no bolso, lhe teria feito erguer alguns de seus cinco mil espinhos de ouriço? Não vemos senão uma única possível resposta, um certo Sigmund Freud, tão espetado em seus últimos seminários. Freud? «Um burguês embrigado de preconceitos», que «chegou a alguma coisa que dá o valor intrínseco de seu dizer» (09 de dezembro de 1975). Alguém que « pensava que havia *das Weib*. Não há senão *ein Weib* » (13 de janeiro de 1976) – um erro gravíssimo, segundo Lacan. Freud, que escreveu «endo-psíquico» enquanto que « *não* é evidente que a *psukhé* seja endo» (16 de novembro de 1976). Freud que não tinha senão «pouca noção do que era o inconsciente» ; um personagem que «nada tinha de transcendente», que era «um pequeno médico que fazia, meu Deus, o que podia para o que chamamos curar, o que não vai muito longe» (11 de janeiro de 1977). Freud que, atormentado, dava ao público «alguma coisa de ordem filosófica<sup>36</sup> que não comportava ossos» (08 de fevereiro de 1977), «alguma coisa absolutamente confusa onde, como se diz, nem uma gata não reconheceria as próprias crias» (08 de março de 1977). Numerosas espetadas, que não impediram Lacan de se redizer freudiano em Caracas (12 de julho de 1980), bem ao final portanto, isso não sem abrir aos que o escutavam a possibilidade de ser lacaniano.

Em 19 de abril de 1977, ele se pergunta : «Por que é que Freud não introduz alguma coisa que se chamaria o “ele”?» Resposta : «Se ele desdenha em mencionar, é bem porque, é preciso dizê-lo, ele é egocêntrico e mesmo super-egocêntrico.» Lacan também não introduziu o «ele», o que talvez faz barragem a que ele não seja alojado, tal como um supereu, nos cérebros dos lacanianos, nisso pelo que me empenho muito insidiosamente. «Ele», notadamente no passe, diz da posição do passador.

---

<sup>33</sup> *Il n’y a pas de rapport sexuel. Deux leçons sur «L’Étourdit» de Lacan*, (Paris, Fayard, 2010).

<sup>34</sup> A lógica modal se refere a qualquer sistema de lógica formal que lida com modalidades (tratar de modos quanto a tempo, possibilidade, probabilidade, etc.). As modalidades mais comuns são *possibilidade* e *necessidade*.

<sup>35</sup> O lugar das vírgulas é aqui mantido.

<sup>36</sup> Sobre o que Lacan entende por «filosófica», pode-se reportar ao início da citação de «A Terceira» na página 05.

Freud teria posto Lacan em seu bolso, coberto pelo seu lenço do seu saber? E esse último teria assim reagido eriçado? Eis aqui uma nova versão do famoso «retorno à Freud».

Pergunta-se então : «Qual raiva habitou tardiamente Jacques Lacan a respeito de Sigmund Freud, para tratá-lo dessa forma, ultimamente? Pode-se apreciar o caráter constante das manifestações dessa cólera confrontando-a com Michel Foucault tratando Freud, na mesma época de “mente divertida” (26 de março de 1980). Foucault está então concluindo sua análise<sup>37</sup> da direção de consciência tal como Cassien (e outros) lhe forneceu os meios, a saber, «essa flexão do sujeito em direção a sua própria verdade através da colocação de si mesmo em perpétuo questionamento». Ele prossegue (retomando suas primeiras lições deste ano sobre o Édipo em Sófocles) :

Em suma, não se tem mais necessidade de ser rei, não se tem mais necessidade de matar seu pai, não se tem mais necessidade de se casar com sua mãe, não se tem mais necessidade de reinar sobre a peste para ser obrigado a descobrir a verdade sobre si mesmo. Basta ser qualquer um. Inútil ser Édipo para se ver obrigado a buscar sua verdade. [...] Inútil ser Édipo, a menos que, certamente, uma mente divertida [não] venha lhes dizer: claro que sim, claro que sim ! Se vocês são obrigados a dizer a verdade, é que, sem o saber, vocês são, apesar de tudo, um édipozinho. Mas, vocês vêem que aquele que lhes dizia isso não havia feito, em suma, senão revirar a luva do avesso (fazer alguém mudar de opinião), a luva da Igreja<sup>38</sup>.

---

<sup>37</sup> Ela comporta interessantes informações sobre «o pensamento que vem à mente» (M. Foucault, *Du gouvernement des vivants*, op. cit., p. 306).

<sup>38</sup> *Ibid.*, p. 306.